

Apresentação

O desafio posto à nossa frente na organização deste volume da Revista de Educação Popular é caracterizado por uma discussão que se coloca entre os estudos culturais e a sustentabilidade ambiental. Há um confronto de ideias, que tanto se complementam quanto se contrapõem. Mas, mesmo nessas dimensões, o interesse por essa discussão ressaltou-nos a compreensão de práticas educativas em que conceitos da tradição científica estão entremeados por questões inusitadas de ordem filosófica. Conceitos sólidos, pouco trazidos à reflexão, estão desvelando-se na produção de significados no cotidiano.

Nessa reunião de múltiplas produções de saberes, que agora são levados aos leitores, temos o afã de não lhes oferecer apenas pressupostos teóricos, mas também de propor posicionamentos práticos que representam o que pode ser o belo e o bom dessa hora histórica que vamos levando. É belo porque representa o sentido cooperativo de esclarecermos dúvidas. É bom porque possui os atributos de nossos desejos e intenções cotidianas. E é sob tais princípios que os saberes estão aqui disponíveis a todos vocês, fiéis leitores.

Enxergamos, assim, o desafio de superar nossas vaidades, substituindo-as pela ousadia de provocar o debate e de contribuir para o entendimento. Para nós, em particular, os saberes aqui reunidos representam rios; representam correntezas que seguem em direção a um repensar educativo. Pretendemos que nossas propostas não sejam definidas por limites teóricos, pois sabemos que a riqueza do que temos aqui constitui imagens de educadores sensibilizados com os problemas da sustentabilidade ambiental e das relações culturais do século XXI. Cada autor dos textos que seguem é um personagem que busca aprender e oferecer o que conheceu de bom e belo.

Para todos nós, há a utopia de termos a chance de, no decorrer da história que segue, proporcionar vivências educativas que não se fragilizem nos equívocos das atuais exclusões e que, tampouco, reforcem frações no âmbito dos direitos naturais. Queremos que a nossa utopia se multiplique na condição de sermos pessoas que vivem em contínua relação de interatividade com o mundo circundante.

Repensar e oferecer às novas gerações o que aprendemos é a justificativa da proposta de diálogo presente nessa compilação. Desejamos uma alquimia... e ela está na combinação das mensagens presentes em cada fala, palavra e comunicação oculta que, muitas vezes, nem chegamos a perceber que a enunciaremos. Aqui, cada autor está presente para além do simples texto impresso. Cada um de nós insiste em ser participante de uma reunião repleta de desejos e anseios, dos quais, muitas vezes, até mesmo não nos damos conta do quanto necessários são.

Educar pela experiência; existir com base no que chamamos de ação comum, de movimento social compartilhado e cooperativo; construir a cidadania em uma perspectiva colaborativa e comparar nossas experiências com a de outras realidades sociais; rever a escola na condição de um espaço de construção intercultural do futuro; rememorar que a cultura popular jamais poderá deixar de ser o referencial de todos os que estão por vir; pensar no corpo, enquanto corporeidade, e no virtual, enquanto inclusão social; e debater sobre alternativas colaborativas de sustentação/sustentabilidade, como determinantes de ações e de habilidades indispensáveis ao século XXI, constituem as questões que originam as discussões inquietantes apresentadas nas páginas seguintes.

Para nós, essa compilação é um passo interativo que retrata a historicidade de nosso mundo. Reconhecemo-nos como aprendentes. Percebemos que, nos bastidores de nossas mentes, abrem-

se saberes múltiplos, que, sempre em uma dimensão não plenamente conhecida, são por nós representados a cada lance de olhares. Entre prismas, novos sabores são descortinados; no entorno de cada descoberta rumo ao desconhecido, nos apeteçemos; por isso, reconhecemos que aprender, saber e viver constituem conhecer a vida e a existência comum.

Contudo, finalizando nossa fala das páginas que seguem, constatamos que fazer ciência em educação popular é uma tarefa complexa, requer aprendizagens, formação, criação e oferta de saberes. Trata-se de uma situação que lida com a incerteza das definições, com as mutações conceituais e com a perspectiva de que não há o absoluto.

Resta, agora, convidar todos vocês, leitores, para conosco conversarem... uma conversa descontraída, no qual a formalidade acadêmica nos permita ser, simplesmente, parceiros...

João Pessoa, inverno chuvoso de 2015.

Giuliana Cavalcanti Vasconcelos
Membro do Conselho Editorial